

Artigo 15 - Dialogando sobre intervenções institucionais

Mesa redonda realizada na I Jornada Integrada ABPP-SP e APTF

Maria Cecília Castro Gasparian

Apreendi ao longo de minha vida profissional e acadêmica que uma das melhores formas de se começar um diálogo é sempre conceituando o que vamos falar. Isto porque sempre temos visões diferentes de um mesmo assunto. Leonardo Boff diz “Todo ponto de vista é sempre a vista através de um ponto”. Portanto começo este diálogo utilizando as definições do dicionário Houaiss que diz:

INSTITUIÇÃO: 1. ato ou efeito de educar. 2. ato ou efeito de instruir (dar começo a); estabelecimento, criação. 3. cada um dos costumes ou estruturas sociais, estabelecidas por lei que vigoram num determinado Estado ou povo Ex.: da família, do casamento. 4. estrutura material e humana que serve à realização de ações de interesse social ou coletivo, organização. 5. organismo público ou privado, estabelecido por meio de leis ou estatuto que visa atender a uma necessidade de dada sociedade ou da comunidade mundial.

INTERVENÇÃO: ato de intervir, ingerência de um indivíduo ou instituição em negócios de outrem, como intercessor, mediador, etc.

Partindo, então, dessas definições começo minha fala dizendo que tanto a escola quanto a família são instituições diferentes em sua estrutura, mas, pertencendo ao mesmo contexto social e cultural convergem, de um modo geral, para um mesmo ponto: educação das suas crianças.

Quando falo sobre família e escola, faço sempre a colocação que, tanto uma instituição quanto a outra, tem muito mais semelhanças do que diferenças do que podemos imaginar.

Cada instituição, no entanto, solicita um tipo específico de intervenção. E elas, na maioria das vezes, são refratárias a qualquer tipo de intervenção.

O profissional que se propõem a realizar uma intervenção precisa conhecer várias abordagens para ter relativo sucesso na sua atuação.

O tema deste encontro é amplo e complexo. Ele nos induz às várias reflexões que o tempo não nos permite explorar com profundidade, porém, isso não quer dizer que não o faremos com o rigor que este encontro requer.

O tema nos leva a princípio a pensar sobre como intervir, de uma forma assertiva, tanto no ambiente familiar quanto no ambiente escola e suas implicações nestes dois contextos da vida das crianças.

Não querendo abrir espaço para uma infundável polêmica sobre a qualidade do ensino e suas relações pedagógicas, pretendo dirigir meu olhar aos aspectos da constituição familiar e da constituição escolar, duas instituições sociais que se propõe, cada uma com sua peculiaridade, à formação do ser humano e do cidadão. A primeira com objetivo de formar o caráter ético e moral e a segunda com a intenção do ensino formal visando um futuro cidadão reflexivo e participativo na comunidade onde está inserido.

Nesta apresentação parto da hipótese de que crianças e jovens com Dificuldades de aprendizagem escolar podem ser beneficiados com uma intervenção familiar e escolar que lhes permita sair da posição de portadores do sintoma (paciente identificado) do grupo, para a construção de uma nova relação com o saber.

Tenho a convicção que, seja qual for a etiologia da dificuldade de aprendizagem (neurológica, emocional, cognitiva ou genética) o grupo familiar é um fator decisivo para a condução e ou resolução dessa situação. A escola será uma das possibilidades facilitadoras do desenvolvimento deste indivíduo.

Sabemos o quanto é difícil aceitar a diferença, a mobilização, a mudança de modelos. Sabemos também o quanto sofre uma família e quanto esse sofrer, em diferente níveis, afeta o processo de aprendizagem de um indivíduo. Assim, um trabalho em rede entre família, escola e professores, poderá oferecer melhores condições para os problemas existentes e que emergem em um núcleo, em um determinado momento. Portanto, projetos e intervenções que estabeleçam vínculos entre Educação e Família são de extrema necessidade na prática educacional para a humanização do indivíduo.

Algumas famílias manifestam sua decepção, sua desaprovação, sua raiva em vista dos maus resultados escolares de seus filhos. Outras famílias podem apresentar total indiferença, completa ausência de interesse pelas dificuldades da criança. Entretanto, o que se apresenta em comum entre essas duas atitudes opostas é que ambas afetam o sujeito em sua totalidade, impedindo que ele cresça de forma natural e satisfatória, bem como afeta às suas famílias.

Mannoni, em sua fala, expressa muito bem a dificuldade das famílias em resolver estas questões:

"Os pais inconscientemente deixam a seu filho a carga de refazer sua história, mas refazê-la de tal maneira que nada deveria mudar, apesar de tudo. O paradoxo em que a criança está presa produz logo efeitos violentos; com efeito, raramente há oportunidade de que a criança se realize em seu próprio nome." M. Mannoni

Sendo a Psicopedagogia um campo do saber que pesquisa, estuda e analisa as questões relacionadas ao processo de aprendizagem escolar e ao seu tratamento, preocupando-se com as relações entre quem ensina e quem aprende, mescla-se com a forma como ministra conteúdos escolares, com processos de desenvolvimento cognitivo e emocional da criança,



aquisição da linguagem, entre outros, é, portanto de caráter interdisciplinar.

A terapia familiar numa abordagem sistêmica, por sua vez, procura re-significar as questões do grupo familiar, dentro de uma concepção de sistemas, enfatizando os processos relacionais entre eles, e como o grupo familiar lida com a aprendizagem.

Sabemos que nunca existe uma causa única para o fracasso escolar, mas sim uma conjunção de fatores que interagem, uns com os outros, que imobilizam o desenvolvimento do sujeito e do sistema familiar, num determinado momento.

Portanto farei apenas uma exploração do conceito destas duas instituições e suas implicações no desenvolvimento do ser humano.

Minha base teórica é a interdisciplinaridade e a abordagem sistêmica. Todos os sistemas envolvidos no processo educacional - o aluno, sua família, escola e especialistas - são co-responsáveis e se influenciam mutuamente.

Por ser uma abordagem complexa e sabendo da impossibilidade de abranger esse assunto com mais profundidade nesta oportunidade, deixarei para minhas interlocutoras uma visão desta abordagem.

Para se falar desse sujeito, não se deve centrar o olhar exclusivamente nele, pois o aluno com dificuldades em aprender aponta e também desvela uma situação muito ampla e complexa de relações onde se inscrevem também a sua família e a escola, em seu processo de aprendizagem.

Descentrar o foco do aluno ajuda a compreender seu processo ampliando os recursos e as possibilidades de auxiliá-lo, bem como favorecendo a um novo posicionamento da escola e da família frente aos desafios que se apresentam.

Assim, estabelecendo parcerias entre escola, família e terapeuta, retira-se do aluno a condição de depositário dos problemas, fazendo com que o mesmo possa vir a ser e a fazer parte de um processo mais amplo.

Através deste olhar, as dificuldades de aprendizagem podem ser observadas como oportunidades de aprendizagem não só para o aluno como também para sua família, para a escola e para os professores.

A família poderá rever, refletir e analisar seus processos de relacionamentos interpessoais. A escola e os professores poderão repensar sua prática e os resultados desse fazer educacional.

Sob esse ponto de vista o sujeito que aprende é visto como um todo nessa rede de relações: um ser que é orgânico, intelectual, afetivo e desejante.

A Família e a Escola e suas parcerias históricas

Para compreender todo esse processo e sua implicação na aprendizagem eficaz da criança precisamos entender o funcionamento, a estrutura e o contexto familiar e escolar deste indivíduo.

Quando dirigimos nosso olhar para a família temos que observar:

- As relações familiares e seu funcionamento
- Sua estrutura, seu processo e seu contexto
- As adaptações ao Ciclo de vida
- As alianças e coalizões, e laços de lealdade
- Padrões de repetição
- Padrões de aprendizagem familiar
- Os mitos, os segredos os traumas e as tramas, entre outros.

A família tem uma história e o funcionamento familiar mais ainda. Esta história é, se comparada com a evolução das sociedades humanas, aparentemente muito rápida. O olhar histórico sobre a família conduz a determinar sua constituição e seus conflitos dependendo da época e da função.

A família, sendo o primeiro núcleo organizado da criança, ela é responsável por grande parte da aprendizagem do indivíduo. É através dessa aprendizagem que a pessoa é inserida no mundo cultural e simbólico.

A família propicia (ou deveria proporcionar) um estado de continência ao sujeito, de troca, de reflexão e de crescimento. Os pais são parceiros na busca de soluções para os desafios familiares, delimitando funções e responsabilidades, trabalhando com a ansiedade e com a aceitação. É de relevante interesse para nós conhecer o modelo de sistema escolar, familiar e de comunidade com o qual iremos interagir. Conhecer seus objetivos, conteúdos culturais e recursos humanos irão facilitar o nosso diagnóstico e realçar a melhor maneira de intervenção dentro destes sistemas.



A escola por sua vez também tem, como a família, uma história. Temos que analisar:

- As relações estabelecidas entre seus elementos (relação com o saber - prof e escola) e a família
- A sua estrutura, seu processo e seu contexto (meio social onde está inserida)
- As adaptações ao Ciclo de Vida da Escola (história da escola, filosofia, metodologia, etc.)
- As alianças, coalizões, e laços de lealdade (entre seus membros)
- Padrões de repetição (dos comportamentos)
- Padrões de aprendizagem escolar.
- Os mitos, os segredos os traumas e as tramas.
- O Trabalho em rede
- Como o aprendiz com dificuldades é encarado.

Considerações Finais

Teria muito que falar, mas deixarei que fluam as perguntas. Quero apenas finalizar minha exposição com uma fala de Maturana e Varela no seu livro "A Árvore do Conhecimento" que nos induz a refletir sobre nossa prática e nossa responsabilidade frente a este grande desafio:

" O Conhecimento do conhecimento compromete. Compromete-nos a tomar uma atitude de permanente vigilância contra a tentação da certeza, a reconhecer que nossas certezas não são provas da verdade, como se o mundo que cada um de nós vê fosse o mundo e não um mundo, que produzimos com outros. Compromete-nos porque, ao saber que sabemos, não podemos negar o que sabemos."

Muito obrigada.



SÃO PAULO
Bibliografia

DEMOS, Pedro. Complexidade e Aprendizagem. A dinâmica não linear do Conhecimento.

(2002) São Paulo: Editora Atlas

FAZENDA, Ivani . (org.) (1993) Práticas Interdisciplinares na Escola. 2a. ed. São Paulo: Cortez Editora

_____. **Interdisciplinaridade:** Um projeto em parceria. (1999) 4a. ed Coleção Educar no. 13 São Paulo: Edições Loyola

_____. **Interdisciplinaridade:** História, Teoria e Pesquisa. Campinas: Papirus.

FERNANDEZ, Alicia. (1990) A inteligência aprosionada. Porto Alegre: Artes Médicas

MATURANA, Humberto; REZAPKA Simas N. de. Formação Humana. (2003) 4a. Ed. Petrópolis: Editora Vozes MORIN, Edgar. A Cabeça Bem-feita. (2000) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil

_____. **Os Sete Saberes necessários à Educação da Futuro.** (2000) São Paulo: UNESCO/Cortez Editora

POSTMAN, Neil. O fim da Educação. Redefinindo o valor da escola. (2002) Rio de Janeiro:

Graphia Editorial

_____. **O Desaparecimento da Infância.** (2002) Rio de Janeiro: Graphia Editorial